



uma  
outra canção  
para os  
dias  
escuras

Gabriel L. Trizoglio

**Editora Penalux**  
*Guaratinguetá, 2020*



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

REVISÃO: Ricardo da Silva Ramos

FOTO DO AUTOR: ZéMario

CAPA E DIAGRAMAÇÃO: Guilherme Peres

---

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

---

L111o L. Trizoglio, Gabriel. 1980 –  
Uma outra canção para os dias escuros / Gabriel L. Trizoglio – Guaratinguetá,  
SP: Penalux, 2020.  
112 p. ; 21 cm  
ISBN: 978-65-5862-007-5  
1. Contos I. Título.

CDD: B869.93

---

Índice sistemático: 1. Literatura brasileira

Todos os direitos reservados.  
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

## VALHA-ME CRONOS

É SANGUE. Olhos dele atirados aos meus, os do espelho. Depois se vira, como que para se certificar ser verdade que eu chegara. Eu, parado, com a mão no trinco da porta, não aguardando nada nem ninguém, apenas decidindo o que fazer dentro do tempo escasso que a situação me concede. Vejo sangue. Mangas arregaçadas duma bonita camisa azul clara. Não falamos nada. Os olhos dele dentro dos meus. Ele parece estar condenando a si próprio por não ter conseguido evitar a revelação do fato. Os antebraços também vermelhos, como se tivessem invadido o rasgo recém-feito na barriga de um animal. Aqueles dez ou quinze segundos congelados à força no ponteiro de um relógio infeliz, inutilizando-o para o resto do dia. Pausa do momento eternizado de um choque. Sem sorriso, palavra alguma, nem qualquer ameaça pela cara. Expõe-se – que remédio – posa apenas, sobre a pia. Uma pia branca respingada de sangue.

Desisto de ir à privada. Faço meia-volta, fechando a porta e retornando à pressa amplamente povoada em corredores de piso claro brilhante. O belo vestido azul da vitrine e o sangue

lavado embaixo duma torneira são de uma distância descomunal. Eu não conseguiria precisar. Um abismo. Esbarro em três pessoas, tonto. Ando como boneco amarrado a um barbante, levado por alguém que não se preocupa em olhar para trás. Eu, o boneco, involuntariamente, olho para ver. E desgraçadamente vejo o que não queria: de mãos já limpas, ele me segue.

Loja loja grande vejo tem que servir lugar fechado raspo em roupas raspo em móveis provadores provadores provadores porta de saída de funcionários poucas boas opções sangue olho de novo ele na porta não entra dobro sigo para outro setor sair da vista caminho rápido mais longe possível nada solto nada pesado nem livre nada nos bolsos pra usar de arma examino banners modelo chinesa negro magra obesa calvo chapéu ruiva quebrar espelho não resolve neblina branca algo tapando a traqueia algo de desespero branco araras de calça boa tarde moça! Tem quarenta e dois? Vou provar! Peguei cinco calça não tem corte nem pesa não serve tem saída pro estacionamento movimentado não sei aqui dentro muitas pessoas testemunhas talvez pra impedir assassino. Assassino! Assassino, o filho da puta! Balcão tesoura de ponta estilete merda pra câmera arrisco ponho no bolso provador agora trava fina merda um soco e parte no meio respiro fundo respiro de novo reza me invade palavra por palavra balbucio memória nunca fez isso mesmo quando precisei orações tempo de lembrar que se não correr vou mijar nas calças porque banheiro tesoura firme empunho abro a porta moça de costas vendedora não me vê se ver vai se assustar guardo no bolso vejo em volta pessoas clientes olhos atentos nas roupas concentrados nos preços não

vejo verme ando balcão caixa não vejo verme caminho ao setor feminino não vejo mais. Preciso urinar. Agora.

Obviamente não vou ao mesmo banheiro. Subo a rolante desesperado e sinto que vou molhar a cueca. Nunca fiquei tão feliz em ver a louça de mijó. Urino com desespero, olhando pra trás, para todos os cantos, repetindo na memória as imagens da tesoura e do estilete em minha posse.

\* \* \*

Estou a quase vender o sapato para ela. Vermelho bonito com salto grande pontudo. O chão se abre e por pouco não a suga. Está pendurada. Segura-se com dificuldade. Uma cratera de dez metros. Pessoas atrás dela sumiram na gravidade. Olha pra mim, enquanto eu, caído, eu desacreditado. Ela grita, pedindo socorro. Eu fujo.

Um soco na cama. Outro na parede. “Assassino! Um assassino! E eu fugi!”. O copo de leite treme na minha mão. Leite. Pra dormir.

\* \* \*

Gerson. Quem pode me ajudar é o Gerson. O sorriso amigável por cima daquele terno me diz que o velho companheiro de escola e futebol será solidário à causa. Engulo o almoço para dar tempo de conversar com ele. Do tempo que estou aqui, apenas nos cruzamos em acenos. Ele segurança, eu proprietário de negócio. Rezando para ser este um horário em

que ele esteja a postos em seu espaço de vigilância. Me armo da simpatia que treinei por anos e da sutileza e discrição a que forçosamente também tive que me acostumar para ter sucesso nas conversas com os clientes. E quando vou de encontro ao amigo, já tendo mesmo acenado para ele... vejo o sujeito do banheiro com uma sacola na mão. Não daria tempo de convencer o Gerson de minha teoria para que me ajudasse a perseguir o cara. Não conseguiria nem mesmo contar a história. Vou sozinho mesmo. Fazer hoje o que deveria ter feito ontem.

Espelho não pia limpa faca no bolso mictórios vazios certeza estar num box oito deles três fechados o que faço o que faço o que faço vou esmurrar mas qual se for porta errada ainda me fodo só esperando mesmo mãos tremendo mãos agitadas vou dar um murro vou derrubar apagar o cara surpresa pra ele porta abrindo atenção atenção não é ele sobraram dois mais ao fundo a direita sobraram dois um de tênis não pode ser outro sapato e sangue pingando pingando sangue pingando sangue pingando sangue sangue pingando chute na porta arrebento quebro mãos de pedra pronto pra quebrar filho da puta em pedaços outro box abre ocupante foge suspeito sentado comendo comendo comendo carne crua viro pra trás não olho ânsia estômago retorce olho de novo difícil ver ele chocado parado sem ação mãos com sangue boca com sangue carne no colo carne no chão perco as forças não pode ser vai me esquarterar e comer branco leite paredes retorcem branco tudo branco eu

\* \* \*

Não é minha a cama. Não é o meu quarto. Sinto ainda o volume no bolso. A faca. Quem. Como. Rapidamente levanto. Ninguém. Vou à janela. Não conheço a rua. Volto para perto da cama e sobre o criado-mudo a foto do comedor de carne tiro a faca do bolso puta que pariu estou na casa do filho da puta ele quer me matar mas eu mato primeiro faca em punho vou para porta abro vejo sala sofá ele lendo revista concentrado tranquilo vou pra frente dele e mostro a faca.

– Calma! Fica calmo! Eu não vou fazer nada. Eu não vou te fazer mal! Não sei o que você está pensando, mas não precisa fazer assim!

– Quem é você? – Nem pensando em baixar a faca.

– Meu nome é Arnaldo. Trabalho perto do shopping. Por que esta faca? Pra quê isso?

– O que foi aquilo no banheiro?

– Eu gosto de comer carne crua no almoço.

\* \* \*

Coxão mole. Preferência dele igual à minha. A diferença é que eu cozinho. Espeto, panela, bandeja no forno. Adoro. E pico este pedaço exalando a apetitosa mistura de limão e pimenta. Uma delícia, mas... cozido, claro! Talvez eu não aceite nunca a história do Arnaldo, muito arriscado. O cheiro está uma delícia. Por motivos de saúde, não aceita qualquer outro alimento, o estômago dele. Tem que se esconder devido o trabalho. Foi o que me disse. Dizer qualquer um diz. Eu posso dizer que como lesmas. Mas o fato é ninguém me flagraria



comendo lesmas. O cheiro está uma delícia. Jogo um pedaço na boca e mastigo.

\* \* \*

Arnaldo abre a porta. Jogo começou há vinte minutos. Palmeiras inspirado, já ganha de um a zero.

– Entra!

– Trouxe umas seiscentas gramas. Desculpa a demora, a fila do açougue tava imensa.

– Tem cerveja de trigo na gaveta embaixo do congelador.

Apanho duas tigelas simpáticas com desenho de vaquinha, justamente para comermos... vaquinhas. Uma lata para mim, uma para ele, geladérrimas. Tudo o mais rápido possível, já perdi bastante do futebol. O sangue escorre e eu limpo com o guardanapo. Mastigamos os suculentos pedaços em frente a TV, concentrados no andamento daquele jogo importante.

---

Este livro foi composto em Dante MT  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
pólen soft 80 g/m<sup>2</sup>, em outubro de 2020.

---